



Revista de História

ISSN: 0034-8309

revistahistoria@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

dos Santos Sousa Lima, Raquel

DELLA CAVA, RALPH. MILAGRE EM JOASEIRO. TRADUÇÃO DE MARIA YEDDA
LINHARES. 3ª EDIÇÃO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2014.

Revista de História, núm. 172, enero-junio, 2015, pp. 427-436

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285042228019>

- Como citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

DELLA CAVA, RALPH.
MILAGRE EM JOASEIRO.
TRADUÇÃO DE MARIA
YEDDA LINHARES. 3ª
EDIÇÃO. SÃO PAULO:
COMPANHIA DAS
LETRAS, 2014.

Raquel dos Santos Sousa Lima¹
Universidade Federal de Viçosa

“O livro que quase não foi escrito”: revisitando o *Milagre em Joaseiro*

Um trabalho de fôlego. Esta é a impressão que se tem da terceira edição de *Milagre em Joaseiro*, de Ralph Della Cava, lançada pela Companhia das Letras em 2014. Publicada 37 anos após a primeira edição e 29 depois da segunda,² a versão atual é mais volumosa e densa que as anteriores. Tornam

¹ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora no Colégio de Aplicação Coluni da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: raquelssousalima@gmail.com.

² Ambas pela Editora Paz e Terra; a primeira em 1977 e a segunda em 1985. A edição original foi publicada em inglês em 1970, com o título *Miracle at Joaseiro*, pela Columbia University Press (Nova York e Londres).

esta edição particularmente interessante: a apresentação feita pelo sociólogo Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, que nos fornece uma rica exposição crítica da obra; um novo prefácio, escrito por Della Cava em 2013; e o apêndice elaborado originalmente como uma conferência deste autor no III Simpósio sobre o padre Cícero, realizado em Juazeiro do Norte, em 2004.

Della Cava afirma que um dos traços dessa versão do livro é que ele se mantém “substancialmente inalterado”,³ e se desculpa por não ter “incorporado” as “descobertas” de outros historiadores que, segundo ele, teriam lançado novas luzes sobre padre Cícero e a beata Maria de Araújo, protagonistas do milagre do qual trata o livro. Embora para seu próprio autor a obra pareça inalterada, a terceira edição vem acrescida de mais de duzentas páginas e, segundo Della Cava, sua publicação se tornou possível devido ao zelo de alguns “amigos de meio século”, aos quais ele agradece, por terem cuidado de detalhes como a inclusão de “várias fotografias raras e relevantes, ausentes nas edições anteriores” (p. 37).

Uma rápida comparação com a primeira edição mostra que houve não só o acréscimo de fotografias que não constavam naquela, mas a troca de algumas por outras, o que merece uma crítica. Fossem as fotos incorporadas, e não substituídas, a edição seria ainda mais interessante, posto que as da primeira versão brasileira trazem imagens de padre Cícero com pessoas de suas diferenciadas redes de relações sociais. A localização das fotos no corpo do texto também varia, o que, no entanto, não atrapalha a leitura e a compreensão (na primeira edição, estão situadas entre o quarto e o quinto capítulos; na terceira, entre o oitavo e o nono).

A impressão, cuidadosa, inova ao trazer na capa não uma caricatura de padre Cícero, como nas anteriores, mas uma fotografia da estátua em tamanho natural erigida quando ele ainda era vivo, em 1925, em Juazeiro do Norte. Destaca-se ainda a grafia “Joaseiro”, que foi mantida tal como fora encontrada nos documentos da época pesquisada, e não a de Juazeiro do Norte, utilizada atualmente.

O livro se originou da pesquisa de doutoramento de Ralph Della Cava, feita em meados da década de 1960 nos quadros do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, em Nova York. *Milagre em Joaseiro* é uma importante referência dos chamados “estudos brasilianistas” que tanto marcaram o campo historiográfico brasileiro. Mais do que isso,

³ Nesta resenha, as expressões entre aspas correspondem às palavras do próprio Della Cava, ou citadas por ele.

é considerado um clássico no âmbito das ciências sociais da religião entre as décadas de 1960 e 1970, pelas reflexões que propõe sobre religião popular, movimentos religiosos, messianismo e milenarismo, categorias comuns à produção sociológica de então.⁴ Esses dados, por si só, já corroborariam a pertinência desta nova edição.

Trata-se de uma obra que, na introdução feita por seu próprio autor,

destina-se a dar uma contribuição histórica aos estudos recentes sobre os movimentos religiosos-populares dos séculos XIX e XX. Assim, o objetivo primordial deste trabalho consiste em fornecer uma história política pormenorizada de um movimento que floresceu, entre 1889 e 1934, no pequenino núcleo de Joaseiro, situado no interior do Nordeste brasileiro. Um apregoado milagre fez eclodir o movimento. Na manhã de 1º de março de 1889, o piedoso capelão de Joaseiro, padre Cícero Romão Batista, ministrava a comunhão a uma das devotas do lugar. Em poucos momentos, passou-se a acreditar que a hóstia branca tinha, por milagre, se transformado em sangue, sangue este que se disse ser, sem nenhuma dúvida, de Jesus Cristo. A crença coletiva assim gerada tornou-se, daí por diante, a pedra fundamental de um movimento religioso, enquanto padre Cícero, mais tarde, veio a ser seu famoso chefe (p. 45).

Ralph Della Cava argumenta que os modelos e as teorias messiânicas e milenaristas são colocados em segundo plano em sua análise, pois tais chaves interpretativas não seriam capazes de explicar satisfatoriamente aquele movimento de quase meio século que envolveu um processo constante de conflito e acomodação entre a Igreja e o Estado. Por isso, a preferência pelo conceito de “movimento religioso-popular”.

O historiador defende que o diferencial de seu estudo estaria no fato de que ele seria “o primeiro a fundamentar-se amplamente em duas fontes arquivísticas importantes” (p. 47), que teriam permanecido inacessíveis a outros estudiosos. O autor utiliza a expressão “fontes” como sinônimo de “acervos”, o que precisa ser destacado, já que essas palavras, tão centrais na produção do conhecimento histórico, designam coisas diferentes. Um dos acervos consultados por ele seria composto por parte da correspondência

⁴ Para esta discussão, conferir FERNANDES, Rubem César. *Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente*. BIB. Rio de Janeiro, n. 18, 1984, p. 3-26; ZALUAR, Alba. *Os movimentos “messiânicos” brasileiros: uma leitura*. Anpocs. São Paulo: Cortez-Anpocs, 1986. (O que se deve ler em Ciências Sociais); GIUMBELLI, Emerson. *Religião e (des)ordem social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos*. *Revista Dados*. Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, p. 251-282; SANCHIS, Pierre. *Desponta novo ator no campo religioso brasileiro? O padre Cícero Romão Batista*. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, vol. 27, n. 2, 2007, p. 11-29.

pessoal de padre Cícero, que está conservada no Colégio Salesiano São João Bosco em Joaseiro; o outro, constituído por diferentes documentos encontrados nos “arquivos pessoais das famílias de vários residentes ilustres” (p. 47) da cidade.

O livro é organizado em onze capítulos, além da introdução, e o primeiro começa com a descrição da chegada do recém-ordenado padre Cícero Romão Batista (1844-1934), sacerdote natural da cidade do Crato, a Joaseiro (ambas no Vale do Cariri). Preocupado em resgatar as “origens sociais do milagre”, o autor parte da história econômica e política do Vale na primeira metade do século XIX, afirmando que aquela teria sido uma época marcada pelo relativo declínio econômico da região no conjunto do estado cearense, por lutas políticas locais, e por uma vida religiosa “deteriorada”, quando “estava o catolicismo ortodoxo em estado de decomposição” (p. 61). A partir da segunda metade do século, teria havido um “renascimento” econômico, político e religioso.

O historiador atribui a recuperação das “estruturas religiosas do Cariri” aos esforços do missionário padre mestre Ibiapina que teria incentivado a vida devocional de ricos e pobres da região, tentando estabelecer ordens religiosas “genuinamente brasileiras”. A referência histórica feita pelo autor ao caso de Ibiapina é importante para uma das reflexões centrais que ele vai desenvolver ao longo de todo o livro: a tensão entre o “catolicismo brasileiro” e a tentativa constante da hierarquia eclesiástica (representada pelos bispos cearenses) de remodelar o clero nos termos do “catolicismo romanizado”. Della Cava se inspira na noção de “romanização” elaborada por Roger Bastide e a desenvolve, argumentando que esse “processo verificado no final do século XIX, em que Roma começou a impor uma disciplina uniforme e uma burocracia centralizada para a Igreja em nível mundial, iria ofuscar centros locais de prestígio e poder eclesiástico e religioso” (p. 354). É a partir desse contexto de romanização que ele tenta compreender o problema do movimento religioso que se desenrola em Joaseiro: os que defendiam o milagre apelavam a Roma para aprovar um acontecimento local, o que, ao mesmo tempo, fortalecia o poder da cúria romana em negar os localismos, em nome da romanização.⁵

⁵ Os esforços de romanização empreendidos pelos bispos cearenses tiveram relação com a chamada “questão religiosa”, um conflito, segundo Della Cava, que “surgiu quando o monarca d. Pedro II mandou prender dois bispos, processá-los e sentenciá-los pela posição que tomaram, ‘sem autorização’, contra a maçonaria” (p. 74).

Della Cava mostra que, antes mesmo do “milagre”, padre Cícero já seria reconhecido como tendo “qualidades excepcionais de santidade e profecia” (p. 83), mas adverte que o milagre deve ser compreendido em sua relação com contextos mais amplos, como o da romanização. Assim, articula as características particulares de padre Cícero com as esferas políticas e religiosas, relacionando-as, no âmbito regional, nacional e internacional. O esforço empreendido pelo historiador para compreender o movimento religioso de Joazeiro a partir dessas conexões tinha como objetivo se esquivar do enquadramento teórico característico do contexto em que fez sua pesquisa: o da interpretação dos movimentos religiosos católicos como sendo “milenaristas” e “messiânicos” que, pensados a partir da chave “arcaico e moderno”, se articulavam com a ideia da resistência à modernização capitalista.⁶

Esta seria, na visão de alguns cientistas sociais⁷ e de historiadores que analisaram a produção acadêmica do período em que Della Cava desenvolveu sua pesquisa, uma das contribuições mais importantes do livro. Como bem destaca Eduardo Diatahy B. de Menezes na apresentação desta terceira edição, a conexão entre a história econômica e política mais abrangente e os acontecimentos de Joazeiro, pensados a partir do conceito de romanização, seria a marca inovadora daquele brasilianista na historiografia brasileira.

Della Cava explica que coube à imprensa cearense, religiosa e secular, precipitar o conflito eclesiástico que “agitou profundamente a hierarquia católica do Brasil e levou, por acaso, a um cisma em potencial dentro das fileiras do catolicismo do Nordeste” (p. 87). De um lado, os padres do Vale, difundindo cada vez mais o milagre, o que colocava questões importantes, como o problema de determinar de onde vinha o sangue derramado no momento em que a beata Maria de Araújo colocara a hóstia na boca; de outro, o bispo d. Joaquim, proibindo a qualificação do fato como milagroso e a adoração pública dos panos manchados de sangue, que passaram a ser colocados no altar para serem vistos pelos romeiros. O historiador destaca que esses dois pontos ameaçavam a integridade da doutrina da Igreja, o que se tornava ainda mais crítico naquele ano de 1889, o da Proclamação da República, que rompera a relação de padroado, afastando aquela instituição do Estado. Ele chama a atenção para que “contrariamente à opinião de que o milagre em

⁶ Ver STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reves. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 12, n. 23, jan-abr. 2010, p. 354-393.

⁷ Um dos autores que faz essa discussão é GIUMBELLI, Emerson, op. cit.

Joaseiro se originou entre as camadas mais baixas, coube aos padres do Vale desempenhar o papel mais importante na divulgação e na justificação da crença popular nos milagres” (p. 92). É a partir dessa parte do livro que o autor passa a se diferenciar de seus contemporâneos,⁸ analisando o problema originado com o milagre a partir das relações desse “movimento religioso popular” com a hierarquia católica, com a brasileira e com a romana.

O brasilianista analisa a euforia espiritual que vigorou no povoado entre 1891 e 1892, narrando a chegada de imensos contingentes de romeiros que superlotavam a capela e o papel das beatas que corriam pelas ruas exibindo crucifixos que sangravam “milagrosamente”, enquanto padre Cícero seguia à frente da aldeia. Della Cava afirma que as classes baixas tornaram-se “a espinha dorsal do movimento religioso popular” (p. 114), destacando o papel das beatas como propagadores-chaves da “religião popular” (p. 115). Apesar da centralidade dessa categoria para a análise do autor, a edição atual traz a sugestão de “um pequeno reparo conceptual” a ser feito. Eduardo Menezes adverte, na apresentação, que o termo adequado seria “religiosidade”, pois “se refere às práticas do sagrado e não se confunde com o sistema de conjunto doutrinário e de códigos implicados no conceito de religião” (p. 17).

A (in)adequação do termo “popular” nos estudos realizados sobre as práticas religiosas católicas entre as décadas de 1960 e 1970 já foi problematizada por diferentes cientistas sociais,⁹ que chamaram a atenção para as complexas implicações que sua utilização suscita. Entre elas estão a projeção, nas pesquisas, de elementos teóricos marxistas tão em voga no Brasil naquele contexto, que ajudavam a legitimar interpretações de uma igreja “popular” versus outra, “oficial”; e a influência de questões no âmbito da própria hierarquia católica, envolta nos embates com a Teologia da Libertação, por exemplo. Embora uma das facetas interessantes desta edição de *Milagre em Joaseiro* sejam as indicações de “deslizes” ou “reparos conceptuais”, como as tecidas acima a respeito da religião popular, a crítica que se pode fazer é que, neste caso específico, o “reparo conceptual” vai além da discussão entre religião e religiosidade. Historiador obstinado em reconstituir com atenção os pormenores referentes a esse período, Ralph Della Cava, embora tenha analisado as cartas que “o povo” enviou a padre Cícero, acaba construindo o

⁸ Particularmente de MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974; e de PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus-Edusp, 1965.

⁹ Em especial por FERNANDES, Rubem César, op. cit.; ZALUAR, Alba, op. cit.; SANCHIS, Pierre, op. cit.

“movimento religioso popular” a partir de muitas fontes elitistas, trazendo à tona a participação e o interesse das elites políticas cearenses no “movimento religioso popular”, o que nos leva a pensar na necessidade de se relativizar o caráter “popular” do movimento.

Della Cava articula o conflito tanto com os interesses dos principais chefes políticos da região quanto com a política internacional da igreja católica e com a nacional, mostrando como o padre foi associado a um “outro Antônio Conselheiro”, o que o levou a ser acusado de conspirar contra o Estado. O historiador traça um retrato de Joaseiro salientando as mudanças que teriam contribuído para sua transição como “centro de ‘fanatismo’ religioso a importante força econômica e política do Vale do Cariri” (p. 152). Embora Della Cava seja cuidadoso ao usar a expressão “fanatismo”, apresentando-a por meio de aspas para explicitar que aquela era “a visão que se tinha” no final do século XIX, ele termina por se apropriar dela, afirmando que “os elementos mais fanáticos de Joaseiro, abandonados às suas próprias inclinações religiosas e com a imaginação à solta, acreditassem que a cidade era a Terra Santa” (p. 155). Como ele havia dito na introdução, tais categorias são colocadas em segundo plano, mas não são descartadas em sua perspectiva sobre o movimento, nem sobre o que acontecia em 1965, época de sua pesquisa: “ainda hoje, sente-se que não se evaporou de todo aquela atmosfera de meca” (p. 152).

O autor dedica boa parte do livro à análise do processo de passagem da religião à política, argumentando que as peregrinações teriam exercido um papel importante nesse processo, mas alega que seria simplista procurar as razões pelas quais os romeiros se dirigiam a Joaseiro entre 1894 e 1934 apenas na “motivação religiosa”. Assim, recompõe a animosidade do ambiente político a partir da análise dos principais jornais de época, pró e contra padre Cícero (*O Rebate* e *O Correio*, respectivamente), explicando como, a partir de sua entrada na política, foi esta, e não os milagres, o que entrou na “ordem do dia” do próprio pe. Cícero. Além disso, argumenta que esse processo seria ainda marcado pela “nova era” de republicanismo e pela “penetração de formas capitalistas modernas no sertão, sobretudo no Cariri” (no início do século XX) que teriam alterado o “estilo da política sertaneja”.

Della Cava faz ainda uma minuciosa análise das relações políticas entre fazendeiros e comerciantes do Crato e da região do Cariri, discutindo particularmente a luta pela autonomia municipal de Joaseiro. Boa parte do texto trata do domínio do presidente de estado, Antonio Accioly, do Partido Republicano Conservador (PRC-C), e suas ligações com padre Cícero.

A partir do capítulo oito, uma das partes mais extensas e densas do livro, o autor passa a percorrer a história política do Brasil e do Ceará, enfati-

zando as relações do “movimento religioso” com a política clientelista típica da República Velha. A escassez de fontes primárias adequadas respeitantes ao pe. Cícero levou Della Cava a deslocar sua atenção para as relações do “movimento religioso” com a política da República Velha.

Nos capítulos finais, o autor se dedica à análise da abdicação de padre Cícero ao exercício político, a qual seria justificada pelo interesse do padre em tentar recuperar seu sacerdócio (ele fora excomungado em 1916, embora tenha ficado sabendo do fato em 1920). Conclui examinando a situação de padre Cícero e de Joaseiro nos anos que antecederam a morte do sacerdote (em 1934) e à construção de sua figura “mítica”, o que faz a partir de um estudo minucioso sobre a disputa política travada principalmente a partir dos jornais de época. Della Cava, que durante todo o livro preocupou-se em explicitar suas fontes, lamenta que a imagem de Joaseiro, vista como um “re-duto de criminalidade e despotismo político”, “posto avançado de cangaceiros” e “meca de fanáticos” tivesse sua trajetória, até a época em que escreveu a primeira versão do livro, associada mais à lenda do que à história.

O capítulo derradeiro não corresponde, entretanto, ao último texto desta edição publicada em 2014. O leitor, depois de encerrar os onze capítulos (à página 328, das 497 que compõem o livro), precisará ainda de fôlego para acompanhar outras vinte e quatro páginas dedicadas ao apêndice desta versão. Mas a leitura, certamente, será bem interessante, posto que esta é, sem dúvida, a parte diferencial desta edição, aquela que nos fornece uma explanação, favorecida pelo distanciamento no tempo, sobre a construção da pesquisa que deu origem ao livro.

Elaborado inicialmente para uma conferência proferida por Ralph Della Cava no III Simpósio Internacional sobre padre Cícero, que ocorreu em Juazeiro do Norte em 2004, o texto do apêndice, escrito décadas depois da primeira publicação do livro, trata do processo da pesquisa. Nele, o historiador apresenta e discute os limites de seu trabalho, argumentando que “*Milagre em Joaseiro* foi, na mesma medida, uma aventura e um desafio” (p. 330), em termos pessoais e intelectuais. O autor se dirige aos acadêmicos presentes naquele evento, e agora aos leitores do livro, reconhecendo que “muita coisa nova” havia sido produzida sobre padre Cícero, mas adverte que, antes mesmo de a primeira versão ser publicada, ele mesmo já não podia contribuir com os estudos sobre padre Cícero, devido a seu engajamento, nos Estados Unidos, na campanha contra a tortura no Brasil, que o impediu de voltar a este último país durante o regime militar.

Este é apenas um entre outros fatores citados no apêndice que nos permitem refletir sobre como a produção acadêmica é atravessada (e às vezes

condicionada) por conjunturas históricas mais amplas. O autor menciona que o fechamento do Arquivo Nacional (no Rio de Janeiro), logo após o golpe militar de 1964, impediu seu acesso às fontes primárias, o que fez com que ele voltasse sua atenção para os acervos da Biblioteca Nacional e, depois, para os da Biblioteca Pública do Estado do Ceará, nos quais consultou principalmente jornais. Vemos, então, que embora na introdução ele tenha afirmado ter se baseado em dois acervos principais, a pesquisa foi bem mais ampla do que o autor, talvez devido às circunstâncias de publicação da primeira edição, afirmou àquela época.

Sob esse aspecto, as reedições são sempre interessantes, pois evidenciam que, embora um livro publicado possa dar a ideia de que o conhecimento está pronto, acabado, esta é uma ilusão. O próprio Della Cava deixa isso claro ao escolher as seguintes palavras de Machado de Assis (em *Memórias póstumas...*) para a epígrafe do apêndice: “cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também” (p. 329).

Além de tratar das dificuldades iniciais para ter acesso às fontes, Della Cava ressaltava ainda questões como a relação com seu orientador, o contato com a língua portuguesa, a desconfiança com a qual foi visto por algumas pessoas no Ceará, no começo da pesquisa, além de acasos, todos eles elementos importantes na elaboração do livro. A rede de relações sociais que ele foi tecendo desde sua chegada ao Brasil, em especial as amizades feitas, também foi algo destacado por ele como fundamental para a realização deste trabalho. O historiador salienta que a pesquisa o ajudou a “conquistar amigos” e esses, por outro lado, o ajudaram a ter acesso a diversas fontes. Isso o leva a refletir e a citar, passados tantos anos após o texto original, que sua “pesquisa assumiu um viés mais antropológico” e que o contato com diferentes pessoas foi “o início de uma história oral de fato de Joaseiro, da qual eu sem querer estava tomando conhecimento” (p. 343).

Para além das questões metodológicas, o historiador ainda salienta reflexões de cunho mais teórico, relacionando as ideias que estavam em jogo no contexto em que escreveu o livro com as referências existentes até então sobre o passado de Joaseiro. Na parte final do apêndice, ele reafirma que um dos objetivos principais do livro era o de rever enquadramentos conceituais pautados no “milénarismo”, no “messianismo” e no “marxismo”, por meio dos quais o milagre de Joaseiro era pensado no início da década de 1960, e afirma que seu trabalho conseguiu

retirar Joaseiro da marginalidade da história nacional onde ficou estagnado como uma aberração, uma anomalia, e restitui-lo de forma justa à corrente majoritária da história

brasileira da virada do século em diante, devolvendo-o ao turbilhão de uma economia mundial em constante fluxo (p. 351).

O livro é um clássico da historiografia de seu tempo, ao tempo da primeira publicação. Versão revista no tempo, a edição atual é uma boa fonte de reflexão historiográfica, sociológica e, por que não, metodológica, em geral. Isso porque nos permite pensar sobre a historicidade de um livro, sobre o caráter ao mesmo tempo datado e atual de um “clássico” e sobre as limitações às quais todo historiador está sujeito, como ilustra a dificuldade narrada por Della Cava em encontrar fontes mais “adequadas”. No apêndice, o próprio Della Cava explica aos “jovens pesquisadores” a realização do (livro) *Milagre em Joazeiro*, num trocadilho que sugere que a própria concepção da pesquisa foi, em si, “a busca de um ‘milagre’”. Os problemas que ele enfrentou para ter acesso a algumas fontes por pouco não implicaram em um “livro que quase não foi escrito”.

Referências bibliográficas

- FERNANDES, Rubem César. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. *BIB*. Rio de Janeiro, n. 18, 1984, p. 3-26.
- GIUMBELLI, Emerson. Religião e (des)ordem social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos. *Revista Dados*. Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, p. 251-282.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus-Edusp, 1965.
- SANCHIS, Pierre. Desponta novo ator no campo religioso brasileiro? O padre Cícero Romão Batista. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, vol. 27, n. 2, 2007, p. 11-29.
- STEIL, Carlos Alberto & HERRERA, Sonia Reves. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 12, n. 23, jan.-abr. 2010, p. 354-393.
- ZALUAR, Alba. Os movimentos “messiânicos” brasileiros: uma leitura. *Anpocs*. São Paulo: Cortez-Anpocs, 1986. (O que se deve ler em Ciências Sociais)

Recebido: 12/11/2014 – Aprovado: 17/12/2014